

17th-18th May 2023

**CHURCH
COMMUNITY**

17-18 Mayo 2023

**IGLESIA
COMUNIDAD**

**VITORIA
(BRAZIL)**

Giovanni Traettino

Koinonia

Leitura: At 2:41-47 – A igreja em Jerusalém e Jo 17:21-23

Queridos Irmãos e Irmãs,

Vinte e um anos depois do encontro da AFI em São Paulo em 2002, é com alegria e profunda gratidão que lhes dou as boas-vindas à inauguração, aqui em Vitória (Brasil), de nosso 23º Conselho. Ainda sou grato ao Senhor por ter inspirado o saudoso pastor Pierre Truschel a organizar aquela Conferência em Grenoble (foi em 1999), na qual nós que em Positano em 2000 fizemos parte do núcleo inicial desta “koinonia”, nos conhecemos. E sim, digo “koinonia” porque esta foi a inspiração inicial, este é o cerne das relações que queríamos viver e experimentar nesta “fellowship”. Tivemos uma visão e concebemos um projeto de *koinonia apostólica* que daria maior amplitude à nossa compreensão do papel e responsabilidade do ministério apostólico unido e que fertilizaria a vida e o futuro da igreja. Com sentimento de gratidão, creio poder dizer hoje que nestes mais de vinte anos realmente vivemos, em maior ou menor grau, mas *de forma real*, ainda que parcial – e tem sido lindo – “algo” daquilo que o Senhor nos fez sonhar. Portanto, há esperança, eu creio! E precisamos avançar!

O mistério de Deus e a igreja

Houve muitos temas e tópicos sobre os quais refletimos e exploramos ao longo dos anos. Mas aquela refletida em nossa Declaração de Missão certamente permanece fundamental, surgindo da revelação de nosso Deus e da igreja “criada” por Deus (à sua imagem) como um mistério de amor e relacionamentos sobrenaturais.

Fragmentação

Hoje, perante um individualismo crescente e cada vez mais extremo e o aparentemente imparável processo de fragmentação da Igreja, pretendemos refletir sobre o tema da “Igreja como Comunidade”, tendo elegido a conjugação “Igreja-Comunidade” (“Igreja *hífen* Comunidade”), significando a ligação íntima, a qualidade das relações postuladas para os cristãos e para as igrejas na Palavra de Deus, “o Pai de quem cada família toma o seu nome [identidade]”¹, para toda a sua “família espiritual”. Em outras ocasiões ao longo dos anos, embora sob diferentes perspectivas, discutimos esse assunto. Neste momento, e face à radicalização das “polarizações”, que por sua vez deriva dessa fragmentação, sentimos que era necessário tentar ir ao cerne desta tendência verdadeiramente patológica; como o Pastor Mraida (“*Individualismo e Comunidade*”) e o Pastor Paulo Borges Jr (“*De Mim para Nós*”) têm feito de forma excelente.

Um aspecto negligenciado

Nesta minha introdução, pensei em tentar abordar um aspecto que é “raramente tratado”, mas que cada vez mais me parece estar no centro e na origem dessas nossas dificuldades. “Feliz aquele que pode compreender as causas das coisas”, como alguém disse. E outra pessoa disse: “O fim

¹ Ef 3:14

depende da origem". Este aspecto tem a ver, a meu ver, com a revelação (seguida da compreensão) da natureza e da identidade fundamental de Deus; da vida, e as dinâmicas relacionais que animam as profundezas do Deus Trino que nos revelou Jesus Cristo! Disto decorre também a compreensão da natureza e da identidade da igreja.

Um Deus de Relacionamentos

Agora, à medida que leio as Escrituras, amadurece em mim cada vez mais a convicção de que no centro da natureza e da identidade de Deus - Pai, Filho e Espírito Santo - jazem os "relacionamentos". Ou seja, que o nosso Deus é um Deus de relacionamentos. Poderíamos dizer *um Deus-Comunidade* [Koinonia]. Ele próprio é Relacionamento! Na minha opinião, é isto que o apóstolo João quer dizer quando, em I João 4:8, escreve "Deus é amor". Em suma, um Deus de comunhão. Na sua mais profunda identidade e existência, amor.

Ou seja, um Deus que, antes mesmo de amar, é em si mesmo (eu/tu/ele) amor. Porque n'Ele, o ser ("*Eu sou o que sou*") precede o fazer. Ele *é*, antes de *fazer*. Ele é amor primeiro *em si mesmo*, no movimento e na dinâmica do amor que n'Ele atua. Depois, saindo de si mesmo, ama... manifesta claramente o desejo de amar e de ser amado.

A comunidade em Jerusalém

A comunidade de Jerusalém, a igreja dos apóstolos, era um pequeno grupo insignificante que enfrentava os gigantes do seu tempo (tradição, cultura, religião, poder político etc.) sem complexos, confiando na força e na alegria do Evangelho. "*Não foi o sucesso da massa - como escreveu o Cardeal Martini - que caracterizou os primeiros cristãos, mas uma penetração incisiva na massa*". No entanto, esta comunidade é um reflexo e um símbolo da Trindade que nela vive. Pois, no Pentecostes, é a própria Trindade, através do Espírito Santo, que é derramada no coração deles - Rom 5:5. Agora estão *imersos* em Deus (batismo) e *habitados* por Deus (Pentecostes). E é o *Deus de Comunhão* que, *a partir de dentro*, lhes *permite* exprimir a graça, o amor mútuo e a comunhão.² Isto é, sobre o fundamento da Trindade ("*Não reconheceis que Jesus Cristo está em vós?*" - II Cor 13:5) e com o impulso e a força motriz da Trindade no seu interior, eles encontram-se como *comunidades de amor e de koinonia*, aprendendo a acolher-se mutuamente e a relacionar-se como irmãos e irmãs.

A igreja antes da igreja

Como alguém disse, *a Trindade é a igreja antes da igreja*, que é assim "concebida" e já presente no coração da Trindade, e "derramada" e "gerada" no coração do homem, para o habitar e "animar" com o mesmo "movimento circular de amor" que *une* as três pessoas da Trindade. Esta foi a minha experiência no dia da minha conversão. Juntamente com o Senhor, esta "comunidade" entrou no meu coração! E experimentei imediatamente um amor sobrenatural, inesperado e surpreendente pelos meus irmãos. Uma confirmação da nova vida. De fato, está escrito: "*Sabemos que passámos da morte para a vida, porque amamos os nossos irmãos*" – I Jo 3:14.

Pentecostes

Na mesma sintonia, mas vários anos mais tarde, surgiu o efeito do "meu Pentecostes". Uma nova experiência transbordante do amor de Deus. Uma repetição repentina e surpreendente, com uma experiência de expansão sobrenatural e extensão de seu amor dentro de mim; do meu amor como

² "A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vocês."
II Cor 13:14

consequência, desta vez por todo o corpo de Cristo, por todos os irmãos (Ef 3:14-21).³ Assim sendo, do coração “ferido” de Deus para o coração “transpassado” do homem – Atos 2:37. Do meu coração (como cristão), agora habitado por Deus, para o coração do meu irmão. Para acender, ativar e nutrir em meu homem interior a mesma dinâmica de amor que move a vida interior de Deus. E aqui meu vocabulário se torna inadequado. Para *Ele, o Senhor*, ativar – como podemos defini-los? - “relações de convênio”? Em todo caso, “relações amorosas” da mesma natureza e qualidade daquelas que as geram e alimentam. As relações de amor e aliança que unem a Trindade. Sua força e resiliência estão intimamente ligadas ao “mistério da unidade” que mantém Deus unido eternamente (“Um”) e é chamado a fortalecer e manter unidos os cristãos, os casamentos cristãos e a unidade da igreja. “Este mistério é grande. Digo isto de Cristo e da igreja” – Ef 5:32. É esta “comunhão” que fundamenta a nossa comunhão com o Senhor e com os irmãos, precedendo-a e alimentando-a.

Nossa capacidade vem de Deus⁴

Então, a matriz, fundamento e força motriz (iniciativa) dessa dinâmica de amor é o próprio amor de Deus! Aquele Amor vivido na Trindade, expresso e revelado na vida de Cristo, derramado e atuante em nossos corações por meio do Espírito Santo. É a fonte da qual se extrai a capacidade de amar a Deus, ao próximo e aos irmãos. Em suma, é o amor de Deus que nos permite amar a Deus, ao próximo e aos irmãos.

Na essência, trata-se de redescobrir a verdade da própria Presença de Deus Trindade em nossos corações. Ou melhor, em nossos corpos! Para se tornar cada vez mais consciente da realidade deste mistério. Para aprender a ativar e cultivar esse relacionamento de forma íntima e profunda. Para permitir que a “Comunhão de Deus” habite em nossos relacionamentos. Essa espiritualidade poderá nos salvar. Essa espiritualidade nos salvará! Precisamos de revelação. Oremos. Necessitamos da Revelação da comunhão que é Deus, e de experimentar Deus. Esta espiritualidade poderá salvar-nos se a acolhermos como fundamental para nossas vidas e nas nossas vidas. Se torna para nós uma experiência de amor diária e preciosa.

Concluo com um poema que me marcou profundamente: A autora, Chiara Lubich, fundadora do Focolare Movement, era profundamente fascinada pelo mistério da Trindade e considerava sua revelação e experiência como cruciais para a unidade e o amor entre os cristãos.

A Trindade dentro de mim
 A Trindade dentro de mim!
 O abismo dentro de mim!!
 A imensidão dentro de mim!
 O abismo de amor dentro de mim!
 O Pai que Jesus nos anunciou
 dentro de mim!
 A Palavra!
 O Espírito Santo, que eu quero sempre
 ter para servir a Obra, dentro de mim!
 Não peço por nada melhor.

³ ...para que vocês, arraigados e alicerçados em amor, possam, juntamente com todos os santos, compreender a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo conhecimento, para que vocês sejam cheios de toda a plenitude de Deus.” Ef 3:14-21

⁴ II Cor 3:3-5

Eu quero viver neste abismo,
me perder neste sol,
viver com a Vida Eterna.
Então? Para podar a vida exterior
e viver dentro disso.
Na medida em que corto as comunicações
com o exterior,
nessa medida falo com a Trindade
que está dentro de mim.⁵

Giovanni Traettino

⁵ 1Diario del 22.5.1972, cit. in «Gen's», 29 (1999), 1, p.

Carlos Mraida

Individualismo e comunidade

“Por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome, Para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior; para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus”.

(Efésios 3:14-19)

Minha abordagem sobre o assunto que me foi pedido é teológica. Eu não sou um teólogo profissional, mas sim um pastor. Eu recebi formação teológica, pela qual sou grato, mas meu trabalho pastoral me permitiu ver na vida da igreja e das pessoas algumas deficiências em nossas declarações teológicas e, portanto, em nossas práticas. Então, eu abordo o assunto com a preocupação pastoral. Porque acredito que o problema do individualismo, que ameaça a vida comunitária da igreja, não está apenas no mundo, mas também na igreja, a partir do que acreditamos e ensinamos.

Em 2008, na minha apresentação na AFI, citei vários autores que definiam a cultura daquela época. Luc Ferry a catalogava como a era do "ultraindividualismo". Pascal Bruckner a havia batizado como "superindividualismo" e os sociólogos americanos, como Lash, a denominavam "narcisista". Lipovetsky a havia chamado de "segunda revolução individualista" para descrever a transição do individualismo limitado que inaugurou o século XVIII para o individualismo total... "segundo Touraine, não se trata de buscar o sentido do mundo, mas o sentido da "minha" vida. O sistema impôs o modelo de personalização dos artigos (customizados) para aumentar a impressão de "ser alguém", para nos fazer acreditar quanto valem. A marca não é imposta, mas coopera para fazer o "eu"; as empresas não pressionam para que gastemos em seu benefício, mas para que invistamos, sobretudo, em nós mesmos. Na política, não se trata mais de defender uma ideologia determinada e forte, mas de se acomodar à solicitação do eleitor. Na nova psicoterapia, altamente pragmática, renuncia-se a prescrever uma mudança no comportamento do cliente se tal correção o incomoda: é melhor recorrer a medicamentos. Para as empresas, é quatro ou cinco vezes mais difícil captar um novo cliente do que conservar o que já se tem, então, sobretudo, trata-se de não o afastar... (Já) não se fala mais de classes sociais, mas apenas de classes de vida. A luta de classes foi sucedida pela luta por ser eu mesmo, e a busca pela revolução continuou com o desejo de ser eu mesmo”⁶.

Como todos podemos perceber, nos últimos 15 anos, a aceleração do avanço do individualismo em nossa cultura planetária tem sido brutal. O mundo atual mutila a pessoa em sua abertura ao outro, provocando assim uma crescente dissolução dos vínculos sociais. "É frequente o encerramento em um mundo fictício de desejo e insatisfação que afasta as pessoas de um caminho fecundo de encontro com o outro, com o real, com a própria vida. Há um profundo desejo de encontro, mas ao mesmo tempo um tremendo temor de se comprometer, se envolver, ser limitado ou

⁶ Carlos Mraida, "Iglesia, Reino y Sociedad", AFI, 2008.

prejudicado pelo outro"⁷. O individualismo focou o ser humano de forma narcisista, impedindo a possibilidade de amar e de uma relação transcendente com o Amor.

Paralelamente, o indivíduo vive atemorizado por desaparecer no "coletivo" e desesperado pela falta de comunidade. Esforçando-se para evitar ser homogêneo e sofrendo, paralelamente, a solidão e o peso do culto ao eu.

Mas o que está por vir é um crescimento ainda maior desse individualismo selvagem, impossível de medir. Eu vou chamar de Individualismo 3.0. Porque com a Internet 3.0, com a realidade virtual, a exacerbação individualista tomará proporções inimagináveis. Através da realidade virtual, o sistema tentará fazer o indivíduo acreditar que não precisa de mais ninguém. Será possível ter experiências sensoriais a nível sexual mais satisfatórias do que as que se podem ter com outra pessoa, porque poderão ser programadas de acordo com o desejo do consumidor. Também serão possíveis "sensações" espirituais personalizadas. Cada um poderá montar seu próprio culto de acordo com seu desejo individual. Não apenas escolher adorar com a música que mais gosta, ouvir o pregador preferido, ofertar online. Tudo isso já é possível hoje com um celular. Mas, por exemplo, acrescentar a sensação de experimentar manifestações angelicais. De forma que nenhum culto de uma igreja estabelecida poderá competir em termos sensoriais com o que cada indivíduo puder programar.

Obviamente, essa atitude de vida vai contra a vida da igreja, que essencialmente é uma comunidade de fé.

A dificuldade do desafio

O grande desafio do individualismo como sociedade e como igreja é que ele está tão arraigado e naturalizado em nossa arquitetura cognitiva que nem mesmo somos conscientes de seus perigos. Está tão profundamente enraizado no tecido de nossa consciência ocidental que faz parte de nossa maneira de pensar e, portanto, nos é difícil visualizá-lo criticamente. E uma das tarefas apostólicas de nosso tempo é desmascarar essa realidade que se opõe à essência do Evangelho. Poder ensinar aos pastores de nossas nações a discernir as manifestações e expressões do individualismo na pregação, ensino e práticas eclesiais. De forma a proclamar um evangelho contracultural e desenvolver uma vida comunitária rica e crescente, que seja veículo de transformação de nossa sociedade. Caso contrário, cairemos em cativeiro cultural.

Cativeiro cultural

A igreja vive em uma tensão constante entre estar no mundo e ser do mundo. É a tensão cultural. Infelizmente, ao longo dos séculos, o povo de Deus caiu no cativeiro cultural da igreja. Isso ocorre quando a cultura de nosso tempo, com seus valores e crenças, penetra na igreja e a igreja fica cativa dessa cultura. Isso é o que acredito estar acontecendo principalmente com a igreja hoje. Vemos uma igreja cativa do individualismo, por meio de um evangelho intimista, privatizado e individualista. Cativa do egoísmo narcisista por meio de um evangelho de autoajuda.

⁷ Vicente Manuel Fernández, Pablo de Tarso, de la adhesión personal a Cristo al compromiso comunitario y social.

O cativo cultural em que a igreja é vítima fez com que a Bíblia perdesse sua centralidade. O evangelho será contracultura com poder de transformação apenas se a Palavra tiver status de verdade. Caso contrário, não apenas a igreja perde seu poder libertador, mas também acaba cativa de uma cultura onde nada é verdade absoluta, mas sim onde a verdade é definida individualmente. *Cuidado para que ninguém os escravize com filosofias vãs e enganosas, que se baseiam em tradições humanas e nos princípios deste mundo, em vez de se basearem em Cristo (Colossenses 2.8 NVI).*

O individualismo como uma doença autoimune na igreja.

O sistema imunológico, criado para defender o corpo de ataques externos, comete um erro e ataca os tecidos ou órgãos do próprio corpo. O corpo ataca a si mesmo. Infelizmente, ao nos diferenciarmos e defendermos da Igreja Católica, enfraquecemos nossa teologia e mensagem com sementes de individualismo que hoje estão prejudicando a própria igreja.

Por isso, nos custa tanto enfrentar o individualismo feroz de nosso tempo e gerar um espírito comunitário. Tentamos denunciá-lo como algo externo à igreja, mas é a própria igreja que, com sua teologia e prática, qual cavalo de Troia, introduz no próprio corpo esse "espírito imundo".

E ao pensar que é um mal externo, mundano, cometemos o mesmo erro do fariseu no templo. "Eu te agradeço, Senhor, porque não sou como...". Essa oração nos isola imediatamente de nossa realidade e nos desculpa, nos impedindo de ver a trave do individualismo em nossos próprios olhos. Se o individualismo é a maneira como as pessoas pensam e se relacionam, então devemos entender que nós, cristãos, e especialmente os líderes da igreja, estamos profundamente envolvidos. De fato, nossa atitude não deve ser a do fariseu, mas sim a dos discípulos quando Jesus lhes disse que um deles o trairia: "Sou eu, Senhor?". Essa abordagem nos dará mais possibilidades de analisar criticamente não apenas a cultura em que vivemos, mas também nossa maneira de alimentar esse mal dentro da igreja e em relação à sociedade. "Conhecer como o mundo nos incentiva a pensar e viver nos equipará para poder resisti-lo"⁸.

Alguns exemplos

A igreja ativou seu sistema imunológico no século XVII através de um movimento cheio de vida, que buscava revitalizar a fé pessoal e interiorizar a piedade evangélica, diante da secura do academicismo do luteranismo alemão. Muitos dos frutos foram maravilhosos. Mas como todo movimento reativo, enfatizou demais um aspecto, perdendo outros elementos bíblicos e acabou deformando sua própria contribuição nas gerações seguintes. A fé pessoal acabou se tornando uma experiência individualista. O movimento missionário protestante moderno exportou para o mundo essa teologia individualista do pietismo e a associou à cultura capitalista. Isso resultou na exportação de uma concepção individualista de vida, fé, economia e política. Atacaram o ideal de uma ordem social sob controle da igreja, mas com isso, desenvolveram dentro do povo de Deus uma abordagem autoimune, que nos dificulta muito a construção de comunidade.

⁸ Carl Trueman, "El individualismo expresivo", <https://es.9marks.org/articulo/el-individualismo-expresivo-y-la-iglesia/>.

Nas últimas décadas do século passado, a influência "psi" penetrou a igreja, trazendo boas ajudas no cuidado com as pessoas, mas que alimentaram um evangelho de autoajuda. E disciplinas espirituais como a cura interior, a libertação foram infectadas pelo individualismo, cancelando o fator terapêutico mais fecundo que é a vida em comunidade.

Mais recentemente, e especialmente a partir da pandemia, a igreja se introduziu massivamente no mundo virtual, exacerbando a perda do comunitário, a redução significativa do congregacionismo, o consumismo religioso individual.

O espírito individualista que surge da rejeição de Deus como Pai e figura de autoridade levou à descredibilização de tudo o que é institucional na sociedade. Sem um Absoluto que estabeleça, toda instituição perde validade. A igreja tem sofrido muito com isso. Apesar do crescente interesse pelo espiritual, no entanto, isso não se traduz necessariamente em cristianismo convencional, e as comunidades cristãs tradicionais estão em declínio. As pessoas não estão se alinhando com as denominações estabelecidas. Elas não estão olhando para uma tradição para segui-la, ou para uma organização para se unir a ela. Em vez disso, estão procurando algo que as ajude em sua busca espiritual individualista. A função da espiritualidade é "me ajudar a me sentir melhor".

A ênfase bíblica em se reunir para experimentar a comunhão e a vida "uns com os outros" se diluiu para apenas a assistência a um evento litúrgico. Nossos cultos são não apenas expressões, mas impulsionadores de atitudes individualistas. Dezenas, centenas, milhares de pessoas compartilham um auditório, em que cada um desenvolve um culto individualista, "eu e Deus", em muitos casos narcisista, e sem registro do outro.

Por isso, aqueles dentro da igreja que reagem ao cativeiro cultural, mas que o fazem promovendo tendências anti-institucionais que apoiam o êxodo da vida congregacional, e que alimentam o número de afastados não congregados dizendo que se trata de um avanço saudável e sinal de uma nova e revolucionária expressão do cristianismo, estão profundamente equivocados e estão sendo utilizados pelo sistema deste mundo. Porque tais tendências são o resultado de uma lógica de consumismo que transforma a escolha individualista no fator central e único soberano. Essa ideia que hoje se estabeleceu, que cada um vai montando os elementos espirituais que precisa e lhe são valiosos, constituindo assim milhões de experiências de "igrejas personalizadas", na verdade pertence à cosmovisão consumista do sistema mundano e demoníaco, impulsionada pelas demandas terapêuticas do indivíduo. Mais do que uma expressão de cristianismo revolucionário, é uma expressão de afirmação do status quo do individualismo e consumismo. E seu efeito autoimune socava as estruturas da igreja, a única realidade capaz de resistir construtivamente ao pior da cultura atual, que é o seu "euísmo".

Isso também tem causado uma debilidade nos fundamentos bíblicos dos crentes e um sincretismo. Trata-se de um cristianismo buffet, onde cada um se serve de acordo com suas próprias necessidades⁹. A combinação de diversidade religiosa e individualismo extremo significa que "cada

⁹ O Los Angeles Times ilustra essas mudanças com o artigo "Spiritual Blend Appeals to People of Many Faiths" (Mistura Espiritual Atrai Pessoas de Diversas Religiões). O artigo apresenta uma mulher que se descreve como "uma boa judia, batista do Sul e jovem budista" que se alegra com essa "arrumação espiritual personalizada". "Funciona para mim", ela diz. "Literalmente sinto como se estivesse diante de um buffet livre, sirva-se à vontade". O artigo continua descrevendo o quadro habitual com expressões como "religião faça você mesmo", "espiritualidade, misturar e combinar", "recortar e colar". KANG, K. C., Los Angeles Times (27 de dezembro de 2003).

indivíduo, em última instância, é o árbitro de sua própria realização pessoal e do que é significativo individualmente".

A falta de comprometimento com a transformação social é muito evidente na igreja contemporânea. O desafio não é buscar a transformação da realidade dos outros, mas sim buscar "sentir-me bem". O turismo congregacional também é uma característica. Isso faz com que os crentes mudem constantemente de igreja, de acordo com o show ou serviço que lhes é oferecido, evitando assim serem disciplinados, integrados e moldados pela comunidade.

O correlato da igreja-auditório, onde milhares são espectadores e apenas alguns são protagonistas do show, alimentou no liderado pastoral fantasias infantis, egocêntricas, transformando a igreja na igreja do pastor Fulano. Isso não apenas prejudica o espírito comunitário local, mas também impede a unidade da igreja na cidade, pois cada pastor assume o delírio individualista de ser "o" homem de Deus para a cidade, ignorando seus colegas.

Mas o elemento, na minha opinião, mais forte nessa ativação autoimune, é o viés fortemente individualista de um kerygma deformado e da teologia evangélica. Como alguém disse, a semente do evangelho nasceu na Palestina, de lá foi levada para o norte da Europa, depois para os Estados Unidos e, a partir do mundo noratlântico, a semente foi transplantada juntamente com o vaso cultural fortemente individualista.

Portanto, acredito que precisamos de uma revisão teológica primeiro e, em seguida, da vida e missão da igreja.

Em direção a uma revisão teológica trinitária

Acredito que devemos fortalecer nossa teologia trinitária e suas implicações. A partir disso, derivarei outros enunciados a serem revisados. Quando em nossas igrejas se fala de Deus, ou se fala da Trindade, se fala muito pouco do que na Consulta de AFI, em 2012, foi chamado de "Um Deus de relações". As relações não são uma mera questão funcional em Deus, mas constituem sua essência ontológica. Deus não tem relações, Deus é relações. Por isso, o apóstolo João o define dizendo: Deus é amor. A confissão de que Deus é Uno e Trino nos fala precisamente disso. Três pessoas que são Um. E isso, mais do que um mistério especulativo, nos transmite a diversidade em perfeita unidade, por essa essência relacional.

Há outro aspecto que desejo enfatizar mais uma vez dentro de nossa concepção, formulação e, acima de tudo, vivência da Trindade. Sofremos um enfraquecimento notável da pessoa de Deus Pai. Os evangélicos enfatizaram corretamente a pessoa de Jesus Cristo, nosso Senhor. E os pentecostais-carismáticos enfatizaram maravilhosamente a pessoa do Espírito Santo. Mas Deus Pai é a "Pessoa perdida" na vivência coletiva. É afirmado na doutrina, mas apenas em alguns aspectos, como o de Criador. Porém, sem maior incidência na vida prática e cotidiana do povo de Deus. E isso afeta notavelmente a identidade da igreja, pois do Pai... vem o nome (identidade) de toda família nos céus e na terra. E de um Pai relacional surge uma igreja relacional, uma família, uma comunidade. Mas de um pai ausente surge um povo formado por indivíduos que buscam preencher seu vazio de paternidade, sua orfandade consumista, narcisista e egocêntrica. Portanto, devemos desenvolver uma teologia trinitária que recupere a paternidade de Deus. Deus Pai não

tem uma incidência significativa na vida das pessoas e da comunidade. No entanto, Deus se revela na Bíblia como Pai, Jesus é o caminho ao Pai e o Espírito Santo clama: Abba, Pai. Ou seja, a paternidade de Deus é fundamental no evangelho. Por isso, o diabo se apresenta como pai alternativo, pai das mentiras. Porque, como é minha convicção, em última instância, todos os problemas dos seres humanos derivam de alguma carência paterna, e todos os problemas são resolvidos em uma relação paternal com Deus. Por isso, e para isso, Jesus veio ao mundo.

Antropologia

O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. Um Deus de relações nos leva a uma antropologia que reflita a imagem de Deus. Um desenvolvimento da *Imago Dei* em uma perspectiva trinitária, relacional e comunitária. Passar da ênfase teológica da Trindade em seu aspecto substancial (hipóstase) para a centralidade do relacional. Em última instância, a *Imago Dei* é revelada na relacionalidade dos que são comunidade: a igreja. E da imagem e semelhança daquele que disse: " façamos o homem", isto é, primeira pessoa do plural, das três Pessoas da Trindade, surge o ser humano, homem-mulher, como pessoa e não apenas como indivíduo. Quando o ser humano é transformado em um indivíduo separado de sua comunidade, ele é despersonalizado, porque foi criado por Deus para estar em relação: não é bom que o homem esteja só. A abordagem do individualismo leva ao abandono do ser humano de sua condição de pessoa (imagem e semelhança de Deus) para se tornar simplesmente um indivíduo, separado de seu Pai e de seu propósito.

A igreja pode encontrar no individualismo extremo de nosso tempo uma oportunidade paradoxal, se conseguir reconhecer que seus fiéis são "pessoas" e não meros assistentes impessoais de reuniões e eventos. Se o fizer, será uma comunidade alternativa para aqueles que sofrem o lado B do individualismo, que é a perda de identidade absorvida no coletivo do sistema consumista. O mundo ocidental deve ao cristianismo o conceito de pessoa. Em virtude de seu nascimento espiritual em Cristo e de sua criação trinitária, uma pessoa é um sujeito que se estrutura "a partir de outros" e "para os outros". É necessário, primeiro para dentro e depois para o mundo, um discipulado que conduza a uma compreensão saudável do eu bíblico, ou seja, do "eu eclesial" ou "eu em comunhão". Mas se dentro da igreja não se pode visualizar esse "eu eclesial" ou "koinônico", a igreja não poderá mostrar uma alternativa ao individualismo reinante, que produz nas pessoas a dupla tensão de viver, por um lado, em uma realidade hiperindividualista e, ao mesmo tempo e paradoxalmente, sofrer uma dolorosa perda de identidade.

Cristologia-Soteriologia

A tarefa apostólica confiada por Paulo a seu representante Timóteo era corrigir o que estava faltando. E acredito que é uma tarefa comissionada para os ministérios apostólicos de hoje. A doutrina mais importante em sua aplicação e a menos ensinada e desenvolvida provavelmente seja a da encarnação. Um cristianismo docético¹⁰ que não consegue encarnar em sua missão o evangelho completo e, portanto, não consegue ser resposta para as necessidades das nações e especialmente para os que mais sofrem.

¹⁰"docético" se refere a uma heresia cristã que surgiu no século II. Os docetistas acreditavam que Jesus Cristo não tinha um corpo físico real, mas apenas uma aparência ou ilusão de corpo. Eles negavam que Jesus tenha realmente nascido, morrido e ressuscitado fisicamente, acreditando que tudo isso foi uma ilusão.

Devemos ir em direção a uma soteriologia comunitária. Seguindo Jorge Himitian, reforçando que o Projeto eterno de Deus é a formação de uma família de filhos e filhas semelhantes ao Filho¹¹. Um evangelho que exige respostas pessoais, mas não individualistas. Temos pregado uma salvação privada, intimista e individualista. Mas temos pregado um evangelho privatizado e individualista. E o problema disso é o que Paulo adverte aos Colossenses, quando lhes diz para andarem no evangelho da maneira como o receberam. As pessoas recebem um *Kerygma* distorcido pelo individualismo, e depois continuam vivendo dessa maneira. Como um cavalo de Troia, introduzimos desde o início uma mensagem em que inconscientemente pregamos uma cristologia gnóstica: seguir a Cabeça que é Cristo, sem o seu corpo, a igreja. O resultado disso é que antes da pandemia, mais de 50% dos que se diziam evangélicos na América Latina não tinham afiliação ou congregavam em alguma igreja.

Pneumatologia

A plenitude do Espírito tem sido enquadrada em experiências exclusivamente individuais. Mas a plenitude é uma experiência pessoal que ocorre em um contexto comunitário: *“Não vos embriagueis com vinho, em que há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando ao Senhor em vossos corações; sempre dando graças por tudo a Deus, o Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo”* (Efésios 5:18-20). O tradicional passo da plenitude do Espírito é, em primeiro lugar, um texto trinitário que ocorre em um contexto de reconhecimento vivencial ou celebrativo da paternidade de Deus. E é uma experiência comunitária. Pentecostes é o nascimento da comunidade ungiada, não de indivíduos ungiados. É o oposto de Babel com sua individualização linguística. Mas a mensagem individualista de salvação tem feito as pessoas continuarem a andar conforme o evangelho que receberam e viver as experiências da plenitude do Espírito de maneiras intimistas, privadas e individualistas.

Eclesiologia

Nossa ecclesiologia se nutre dos itens anteriores, especialmente do nosso conceito de Deus, pois a Trindade é o modelo da igreja. Gregório de Nisa, um dos padres capadóciolos, disse que a Trindade é a igreja antes da igreja e que a igreja deve ser um reflexo da Trindade, porque Deus criou a igreja e tudo que Ele cria, cria à Sua imagem e semelhança. A partir da Pessoa de Deus Pai, que foi enfraquecida, surge uma concepção de igreja como família também enfraquecida, porque o Pai é quem forma a família. De um evangelho com uma salvação desencarnada, fizemos as pessoas acreditarem que podem ter uma boa relação com Deus sem a igreja. Devido à falta de ensinamento sobre o Deus das relações, onde a diversidade pessoal não apenas não divide, mas também alimenta a unidade, acabamos vivendo a triste realidade de uma igreja dividida, atomizada, incapaz de ser uma alternativa para um mundo fragmentado pelos interesses individuais.

¹¹ Jorge Himitian, El proyecto del Eterno, Editorial Logos.

A partir daí, desenvolvemos modelos e práticas que alimentaram o individualismo, minando o espírito comunitário. Realizamos cultos em que dezenas, centenas, milhares são encorajados a ter um relacionamento "Deus e eu", em que a comunidade brilha por sua ausência. Embora seja um culto comunitário, cada um pode vivenciar essa mesma experiência em seu quarto, quase sem diferença alguma. Nossos edifícios são auditórios, lugares escuros que privilegiam o uso de telas e luzes, mas que impedem o registro do outro, alimentando ainda mais essa liturgia individualista. Reuniões em que o importante é o que acontece no palco, e assim poucos são protagonistas, e a grande maioria são espectadores, impossibilitando o sacerdócio de todo crente no contexto da comunidade. Lideranças pastorais que, em muitos casos, em vez de mostrarem uma figura paterna, refletem uma figura patronal que exige obediência dos indivíduos.

A missão da igreja deve manifestar o amor do Pai por meio de uma comunidade alternativa de amor. A igreja não tem uma cultura diferente do mundo, mas é uma cultura diferente. Não tem uma estratégia social, é uma estratégia social. Não tem uma ética social, é uma ética social. Seu estilo de vida julga o mundo e ao mesmo tempo o atrai. Mas o julgamento começa com ela mesma, porque os desafios do evangelho apontam primeiro para a igreja. A igreja deve ser diferente do mundo, uma verdadeira comunidade para ser uma comunidade alternativa. A mudança da realidade não é resultado apenas de ações, mas do ser que se manifesta em ações de transformação. A igreja como comunidade alternativa de amor, como família do Pai, é sal e luz no mundo. A igreja como comunidade alternativa, com seu estilo de vida, anuncia e não apenas denuncia os problemas do mundo. O que faz da igreja uma comunidade alternativa é o amor. Tudo mais, o mundo pode alcançar e expressar e, na maioria dos casos, faz isso melhor do que a igreja. O que o mundo não pode dar às pessoas é o amor de Deus, que devolve sua dignidade como pessoas, sua identidade como filhos de Deus e sua pertença a uma família, que o individualismo e o consumismo do sistema lhes roubaram.

E isso deve ser levado à prática na missão da igreja. A partir de uma eclesiologia absolutamente comunitária, devemos desenvolver modelos contraculturais e alternativos de missão.

Modelos como o ministério liderado pelo pastor Abe Huber, com missões não de indivíduos enviados isoladamente, mas de comunidades que se estabelecem no novo campo e evangelizam como comunidade, geram muito entusiasmo e esperança.

Em Buenos Aires, desenvolvemos um modelo de pastoreio multigeracional e uma pastoral familiar que abrange desde o nascimento até a morte.

Devemos enfatizar os pequenos grupos, não apenas como metodologia de crescimento numérico, mas para que o espírito comunitário, a solidariedade entre os mais necessitados e o compromisso sejam vividos com maior radicalidade.

Precisamos desenvolver modelos de evangelização no mundo virtual que integrem as pessoas às comunidades e não as desintegram.

Congregações que alcancem a todos. Que não sejam excludentes. Uma comunidade fechada em si mesma, por mais calorosas que sejam as relações, manifesta um individualismo prolongado em um grupo humano que se autoprotege. As redes do individualismo só são rompidas em comunidades abertas, que lançam seus membros ao mundo, gerando e incentivando missionários.

Em última análise, a igreja é criada à imagem de Deus, como expressão do Ser de Deus. Nela, seus membros encontram a imagem perfeita do ser humano que Deus dá aos seres humanos como sua criação, em sua vida comunitária como corpo de Cristo.

Escatologia

A imagem de Deus é, em última análise, um conceito escatológico. É o nosso destino divino e, como tal, tem implicações cruciais para nossa compreensão da natureza e papel da igreja. Reconceituar a *Imago Dei* como uma realidade social e recuperar a esperança escatológica de que, como realidade corporativa, seremos feitos à Sua imagem. É o destino escatológico da nova humanidade. O caráter do Deus trino se expressa por meio dos humanos em comunidade. Onde quer que surja uma comunidade, ela tira os humanos do isolamento em direção a relacionamentos conectados. A imagem de Deus não reside na pessoa individual, mas na relação das pessoas em comunidade. A vida relacional do Deus trino é representada na comunhão comunitária dos participantes da nova humanidade.

Conclusão

O individualismo é fundamentalmente consequência do pecado, porque no princípio todas as coisas foram criadas para a comunhão. Em comunhão com o Pai, a diversidade dos seres humanos não se separa, mas se une em unidade. A redenção inverte a individualização, restaurando a comunhão.

Neste contexto de individualismo extremo, a recuperação do lugar central da Igreja como família do Pai é essencial. Sua condição de comunidade do amor do Pai a torna indispensável em meio ao vazio ultraindividualista. Jesus disse que havia dois modelos: a igreja como casa de mercado, como reflexo deste sistema hiperindividualista, ou a igreja como Casa do Pai. Por isso, concluo dizendo que o DNA da igreja, como Casa do Pai, deve refletir o Pai. Ou seja, temos uma herança genética. As características do nosso Pai são transmitidas por seu Espírito Santo a nós, que somos seus filhos, para expressá-las ao mundo. Assim como fez Jesus, nosso irmão mais velho. Ele disse: "Quem me vê a mim, vê o Pai" (João 14.9). E então o apóstolo João disse: "A Deus nunca ninguém viu; o Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o deu a conhecer" (João 1.18). As pessoas, ao nos verem como igreja, devem ver nossa semelhança com o Pai e conhecer algumas das características do Pai Celestial, vendo-as manifestadas em nós.

O próprio João definiu Deus, dizendo que Deus é amor. Como é esse amor do Pai?

- 1) O amor do Pai é familiar: Se o projeto eterno de Deus é a formação de uma grande família de filhos e filhas que se parecem com o Filho, então a missão não é apenas alcançar indivíduos, mas formar família. Se o amor do Pai é familiar, o DNA da igreja é ser uma família que vence o individualismo que isola, empobrece e aliena. A cultura da igreja, como Casa do Pai, é a de uma família espiritual.

- 2) O amor do Pai é prioritário: Para o Pai, as pessoas são o mais importante, e por isso para nós também devem ser. Diz o apóstolo João: "*Nós o amamos porque Ele nos amou primeiro*" (1 João 4.19). A palavra "primeiro" indica não apenas que Deus tomou a iniciativa de nos amar, mas que isso é sua prioridade. E como recebemos sua herança genética, também é para nós. Não são as atividades, eventos ou programas que são prioritários, mas as pessoas. A cultura da igreja, como Casa do Pai, é a da prioridade das pessoas.
- 3) O amor do Pai é inesgotável: "*Por isso, estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem principados, nem coisas presentes, nem futuras, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura será capaz de nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor*" (Romanos 8:38-39). Nada, absolutamente nada, poderá nos separar do amor do Pai. E nós temos o seu DNA. Quem ou o que poderá nos separar do amor uns pelos outros? Personalidades diferentes, choques de opinião, divergências em alguns temas? Não. Hoje nos determinamos a que nada nos separará do amor uns pelos outros, porque assim como o Pai nos ama e não permite que nada nos separe do seu amor, nós, seus filhos, nos amamos. E nos comprometemos a lutar pela unidade da sua igreja em cada cidade. Morremos para nós mesmos, para que sempre prevaleça o "nós". Pois, por amor ao Senhor, somos mortos o tempo todo, somos contados como ovelhas para o matadouro. Em todas essas coisas que nos querem separar, somos mais que vencedores por meio daquele que nos amou. Portanto, temos a certeza de que nada poderá nos separar do amor uns pelos outros. A cultura da igreja como Casa do Pai é a cultura do "nós".
- 4) O amor do Pai dá aprovação: Continuamente, Deus nos diz que somos seus filhos amados e que ele se deleita em nós. Ele constantemente nos comunica que somos especiais, que somos significativos, que somos a cabeça e não a cauda, que estamos acima e não abaixo, que estamos aqui para dar e não para receber, que somos seu tesouro especial, que somos a menina dos seus olhos, o deleite do seu coração, o objeto do seu amor incondicional, o foco da sua atenção e cuidado, que somos o sal da terra, a luz do mundo, que somos escolhidos, que somos reis, que somos santos, que somos abençoados. Em outras palavras, ele está constantemente nos afirmando em nossa identidade, por meio da sua aprovação e valorização. E ele espera o mesmo de nós. A linguagem da igreja é a da valorização do outro. A linguagem dos pastores deve ser a da estima do outro como superior a nós mesmos. Nossas palavras devem ser uma fonte de água doce, uma fonte de afirmação para nossos irmãos. A cultura da igreja como Casa do Pai é a cultura da honra.
- 5) O amor do Pai é prático: Não é um amor teórico, nem romântico. É um amor encarnado que responde concretamente às necessidades. Portanto, nós que possuímos os genes espirituais do Pai, refletimos esse mesmo amor, servindo uns aos outros, ajudando uns aos outros. Assim foi vivida a Igreja no livro de Atos: Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava diariamente à igreja os que iam sendo salvos (Atos 2:44-47). A conjunção "e" denota que cada frase leva à conseqüente seguinte. Portanto, poderíamos ler do final do versículo 47 até o início do versículo 42. Ou seja, o Senhor acrescentava diariamente à igreja os que eram salvos, como resultado da igreja ter o favor de todo o povo, pois testemunhavam sua comunhão alegre e unânime, que se manifestava no fato de compartilharem seus bens para que ninguém tivesse

necessidade, pois a fé deles os levou a ter tudo em comum e não havia uma abordagem individualista aos bens. Todos os crentes tinham um só coração e uma só alma. Ninguém considerava como sua coisa alguma que possuísse, mas compartilhavam tudo o que tinham. Com grande poder os apóstolos continuavam a testemunhar da ressurreição do Senhor Jesus, e grandiosa graça estava sobre todos eles. Não havia pessoas necessitadas entre eles, pois os que possuíam terras ou casas as vendiam, traziam o dinheiro da venda e o colocavam aos pés dos apóstolos, que o distribuíam segundo a necessidade de cada um (Atos 4:32-35). A transformação de suas vidas foi tão profunda e radical que os tornou verdadeiramente um no espírito, na alma e na matéria. A unidade no espírito afetou o mundo emocional (um só coração) de tal forma que não encontraram barreiras para abrir mão de suas posses. Também afetou sua maneira de pensar, de conceber a vida. Não mais de forma individualista e egoísta, mas a partir da graça de Deus que se derramava sobre todos eles. Isso fez com que fossem um no aspecto material, de modo que ninguém tinha mais necessidade. A cultura da igreja como Casa do Pai é a cultura da encarnação e do serviço.

- 6) O amor do Pai é aberto: *“Deus quer que todos os homens sejam salvos e venham ao conhecimento da verdade”* (1 Timóteo 2.4). Portanto, não somos uma comunidade fechada, mas missionária, que está continuamente buscando integrar mais pessoas à família da fé. A cultura da igreja como Casa do Pai é a cultura que integra.
- 7) O amor do Pai é restaurador: É o amor que recebe o filho pródigo, com seu histórico de pecado, com seu cheiro de chiqueiro, e o beija, abraça, faz festa. Precisamente porque Deus é Santo, é que sempre seu amor é restaurador. Porque se não há restauração das pessoas, não pode haver santidade. Restauração e santidade não apenas não se opõem, mas são as duas faces da mesma moeda. A restauração não justifica levemente o pecado, e a santidade não condena o pecador, mas o restaura. Portanto, o DNA da Casa do Pai é curar e restaurar. Não somos uma comunidade legalista, mas uma que levanta o caído. Porque experimentamos primeiro nós mesmos, que o amor do Pai é um amor *“apesar de”*. Apesar de sermos pecadores, o Pai correu para nos buscar em Cristo Jesus. A cultura da igreja como Casa do Pai é a cultura da restauração. Já que o individualismo é cada vez mais brutal e os cristãos não estão à margem, podemos cair na tentação da aceitação resignada. Como podemos escapar daquilo do que não podemos escapar? Rejeitamos toda ideia de que a realidade hiperindividualista, narcisista não pode ser transformada. Que essa é a realidade a aceitar e que não pode ser desafiada. Não. Como disse Hendrik Berkhof, com Cristo *“uma nova força entrou no cenário da história da salvação: a igreja... A própria existência da igreja, na qual gentios e judeus... vivem juntos na comunhão de Cristo, é em si mesma uma proclamação, um sinal, uma demonstração aos poderes de que seu domínio ininterrupto chegou ao fim”*. Nosso Senhor já despojou os principados e as potestades, os exibiu publicamente, triunfando sobre eles na cruz. Não estamos presos a eles. Jesus Cristo, o Senhor, quebrou sua soberania, e, portanto, toda mudança é possível. Nossa tarefa é tirar sua invisibilidade declarando a vitória de Cristo sobre eles. Nossa existência como igreja, como família de filhos e filhas do Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, já demonstra que a rebelião dos Poderes foi vencida! Nossa tarefa como comunidade alternativa é viver isso e proclamá-lo. Não se trata apenas de uma atitude preventiva-defensiva, mas sim de uma questão de identidade e propósito que nos levará a uma vivência mais autêntica e a uma missão mais eficaz e efetiva.

Paulo Junior**ELE TEVE FOME – A PEDAGOGIA DA MESA****Estar próximo ou se aproximar**

“O Reino de Deus chegou até vocês!” O Reino de Deus não é apenas algo ou algum lugar como um local geográfico somente. O Reino de Deus tem uma natureza expressa por uma identidade, uma cultura, uma língua, um código de valores, princípios e fundamentos que o revelam. “Sem fé, é impossível agradar a Deus, pois aqueles que vêm a Ele devem crer que Ele é, e que Ele recompensa aqueles que o buscam com sinceridade.” Não se trata de distância física, pois não há virtude em se aproximar de Deus – Ele é Onipresente, está em toda parte, perto de tudo e de todos.

Estar próximo ou se aproximar

“Um véu de linho fino” – A maior de todas as separações não foi uma parede espessa, mas um véu de linho fino. Não se tratava da distância para chegar lá. Tratava-se da natureza de ser semelhante a Ele. Não há nada mais frustrante do que se aproximar e não estar próximo. Não há nada mais perturbador do que a falta de distância e de intimidade.

Isaías 29 – “O Senhor diz: Este povo se aproxima de mim com a boca e me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim.”

Mateus 15 – “Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens.”

Provérbios 6 – “Há seis coisas que o Senhor odeia, sete coisas que ele detesta: uma pessoa que provoca conflito na comunidade; aqueles que separam amigos próximos.”

Comunhão: O Ministério do Espírito Santo Iluminando os Olhos dos Nossos Corações**INTENÇÕES – PERCEPÇÕES – MOTIVAÇÕES**

Medo e Amargura: A Tarefa do Diabo. Ele não quer nos causar problemas ou dificuldades. Ele quer corromper a nossa natureza e comprometer a plenitude do nosso chamado e propósito como família de Deus. Sua intenção mais profunda é ser "a abominação". Sua motivação constante é romper os laços de comunhão. Seus esforços mais intensos são para colocar a amargura na mesa.

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres – Ele enviou-me a curar os quebrantados de coração; para proclamar liberdade aos cativos; restauração de vista aos cegos; a anunciar o ano aceitável do Senhor.”

REDEÇÃO – REVELAÇÃO – RECONCILIAÇÃO

Lucas 2 – “Na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor.” Cristo não é um Salvador tentando se tornar um Senhor. Ele é o Senhor que salva, redime e reconcilia: Redimindo – Revelando – Reconciliando.

Salvação é o caminho para entrar no lugar da Revelação: a comunhão do Espírito Santo – não é apenas para resolver um problema.

PARA RECONHECER NATUREZA – IDENTIDADE – PROPÓSITO ALÉM DA FORMA E DO MOVIMENTO

Marcos 8 – “Jesus perguntou: ‘Você está vendo alguma coisa?’ O homem olhou para cima e disse: ‘Vejo pessoas; elas parecem árvores andando.’ Então Jesus colocou as mãos sobre os olhos do homem novamente. Seus olhos foram abertos, sua visão foi restaurada e ele viu tudo claramente.”

Efésios 1 – “Peço que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o glorioso Pai, lhes dê espírito de sabedoria e de revelação, no pleno conhecimento d’Ele. Oro também para que os olhos do coração de vocês sejam iluminados, a fim de que conheçam a esperança para a qual Ele os chamou...”

MATERIALIZANDO AS VIRTUDES X EXPERIMENTANDO OS ATRIBUTOS

A Igreja é o ambiente que oferece suporte para os justos praticarem a fé, materializando virtudes. A Igreja não é para promover uma liturgia devocional para que o crente experimente o poder. A Igreja é para conhecer e cumprir a vontade de Deus. A igreja não existe para nos agradar resolvendo nossos problemas.

João 15 – “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos.”

1 João 3 – “Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus?” Amor é dar a vida espontaneamente a alguém. O amor não é ser morto por alguém.

João 10 – “Ninguém tira minha vida de mim, mas eu a dou por minha espontânea vontade.”

O PROPÓSITO ETERNO DA MESA

Compartilhar para Abençoar em vez de Comer para Ser Abençoado

A IMAGEM DA SEMELHANÇA – O VISÍVEL DO INVISÍVEL

João 12 – “Quem me vê, vê aquele que me enviou.”

João 14 – “Quem me vê, vê o Pai.”

II Coríntios 3 – “O Senhor é o Espírito e, onde está o Espírito do Senhor, ali há liberdade. E todos nós... estamos sendo transformados com glória cada vez maior...”

O ALIMENTO DE CRISTO:

- Que nós não conhecemos;
- Fazer a vontade daquele que me enviou;
- Concluir a Sua obra.

I Coríntios 11 – “Suas reuniões causam mais mal do que o bem... Pois quem come e bebe sem discernir o corpo do Senhor, come e bebe para sua própria condenação. Por isso há entre vocês muitos fracos e doentes...”

Mefibosete: Ferido na cabeça – Aleijado nos pés

O PROCESSO DA CEGUEIRA: EXPECTATIVA – FRUSTRAÇÃO – CEGUEIRA

Lucas 24 – “Jesus mesmo aproximou-se e começou a caminhar com eles, mas os olhos deles foram impedidos de reconhecê-lo... Quando ele estava com eles à mesa... então os olhos deles foram abertos e o reconheceram...”

O PROCESSO DE ILUMINAÇÃO: LIBERTAR – REVELAR – RECONCILIAR

A mesa de Cristo é para que os abençoados materializem a virtude, assumindo a responsabilidade de compartilhar o pão. A mesa do anticristo é para o ganancioso tomar e comer o pão desejado.

OS ELEMENTOS DA MESA:

PÃO – VINHO – AZEITE

(Salmos 104 e 128)

Processo que nos transforma em expressão visível das virtudes do Pai como os abençoados:

- Pão: trigo moído;
- Vinho: uvas pisadas;
- Azeite: azeitonas esmagadas.

NOSSO PAI É O ABENÇOADOR

Alegres e agradecidos, movidos pelo Seu Espírito Santo para estar na Mesa da Comunhão, assumindo a responsabilidade de compartilhar o pão que temos em nossas mãos.

- A sede da água é fluir, não beber;
- A fome do pão é alimentar, não comer.

Paternidade é inspirar e direcionar para o propósito. Não é controlar e proteger para o futuro.

Mefibosete: Ferido na cabeça – Aleijado nos pés

Paulo Junior

Jorge Himitian

A visão de Deus para as nações – Habacuque

1. Um profeta em tempos difíceis

Habacuque profetizou para a casa de Judá cerca de 600 anos antes de Cristo, um pouco antes de Jeremias.

Foi o destino dele profetizar em tempos muito difíceis. Os últimos reis de Judá foram homens muito perversos, com exceção do rei Josias, que fez o que era certo aos olhos de Deus. O avô de Josias, Manassés, e seu pai, Amom, fizeram o mal perante Deus.

Seu filho Jeoaquim também fez o mal perante Deus. A maioria da população pecava abertamente, e a idolatria era praticada em todo o país.

Quando os governantes de uma nação são injustos e corruptos, eles abrem as portas espirituais da nação para principados e potestades malignas, e o pecado e a maldade aumentam dentro da sociedade. A nação fica sem proteção, sem um ponto de referência cultural e sem modelos.

2. O choro do profeta pela situação moral da nação

“Até quando, Senhor, devo clamar por ajuda, e Tu não ouves? Até quando devo clamar: “Violência!” e Tu não salvas?

Por que me fazes ver a injustiça e toleras a opressão?

Destruição e violência estão diante de mim; há contendas e conflitos por toda parte. Por isso a lei é paralisada, e a justiça nunca prevalece.

Os ímpios cercam os justos, de modo que a justiça é pervertida.” (Habacuque 1:2-4)

3. Nossa situação atual

Temosorado por nossas nações há anos. É desconcertante ver o avanço do mal.

Em nossas nações latino-americanas, a corrupção dos governantes é alarmante. As Nações Unidas querem impor a diabólica e insensata ideologia de gênero a todas as nações do mundo. A lacuna entre ricos e pobres é escandalosa e continua a se alargar cada vez mais. O tráfico de drogas, muitas vezes em conluio com os governantes, está destruindo milhões de jovens na maioria das nações do mundo. O individualismo e o amor ao dinheiro continuam a ser a raiz de todo mal.

Muitas vezes, assim como o profeta, perguntamos: Até quando, ó Deus...? Até quando clamaremos e não seremos ouvidos?

Irmãos, o pior que podemos fazer é simplesmente resignar-nos a esta situação, baixar a guarda e parar de orar, parar de acreditar, parar de lutar. O pior que podemos fazer é perder a esperança.

O profeta Habacuque não desistiu. Ele continuou clamando a Deus. Ele quase lutou com Deus. Até que ele recebeu uma resposta de Deus.

4. A primeira resposta de Deus

“Olhem as nações e contemplem-nas, fiquem atônitos e pasmem; pois nos dias de vocês farei algo em que não creriam, se lhes fosse contado. Estou trazendo os babilônios, nação cruel e impetuosa, que marcha por toda a extensão da terra para apoderar-se de moradias que não lhe pertencem.” (Habacuque 1:5-6)

Deus levantou uma nação pagã para punir Judá por seus pecados.

Os caminhos de Deus muitas vezes são tão estranhos para nós quanto eram para o profeta.

Na geometria, a distância mais curta entre dois pontos é uma linha reta. Mas em Deus, devido à realidade humana, a distância mais curta nem sempre é uma linha reta. Para alcançar o topo da próxima montanha, geralmente é preciso descer ao vale mais profundo.

Muitas vezes, Deus precisa nos levar às profundezas mais baixas e a níveis mais intensos de crise e sofrimento para que nos humilhemos e voltemos a Deus.

Habacuque, à luz da resposta de Deus, ficou ainda mais perplexo, mas ele tomou...

5. Quatro decisões sábias e fundamentais

5.1 A primeira decisão: Assumir o papel de sentinela

Ficarei no meu posto de sentinela e tomarei posição sobre a muralha; aguardarei para ver o que ele me dirá e que resposta terei à minha queixa. (Habacuque 2:1)

Isso é determinação, persistência e firmeza. Isso não significa baixar a guarda, mas sim preparar-se para lutar.

Isso é o que devemos fazer. Somos apóstolos e profetas. Devemos assumir nosso lugar como sentinelas. Estamos em um lugar mais elevado. Vemos à distância. Devemos antecipar e notificar o povo daquilo que está por vir. Devemos vigiar em oração. Estar atentos a Deus. Clamar, jejuar, interceder até que a resposta venha. Precisamos perceber antes dos outros. Precisamos ouvir a voz de Deus. Não adoramos um ídolo que não ouve nem fala. Adoramos a um Deus vivo que ouve nossas orações e responde a elas. Devemos clamar e "exigir" respostas de Deus.

Deus aprecia esse tipo de oração! E Ele responde a esse tipo de oração.

5.2 A segunda decisão de Habacuque – Acreditar na visão

“Então o Senhor respondeu: ‘Escreva claramente a visão em tabuinhas, para que se leia facilmente.

Pois a visão aguarda um tempo designado; ela fala do fim, e não falhará. Ainda que se demore, espere-a; porque ela certamente virá e não se atrasará’.

Escreva: ‘O ímpio está envaidecido; seus desejos não são bons; mas o justo viverá pela sua fidelidade.’” (Habacuque 2:2-4)

Uma visão positiva do futuro produz esperança e entusiasmo naquele que a lê. Isso o motiva e mobiliza para a ação. Impulsiona-nos a correr, gera paixão na busca dessa visão. Essa visão nos lança na missão.

O cumprimento da visão é garantida por Deus.

Pois a visão aguarda um tempo designado; ela fala do fim, e não falhará.

Ainda que se demore, espere-a; porque ela certamente virá e não se atrasará”. (Habacuque 2:3)

A fé é a chave para o cumprimento da visão.

“Escreva: ‘O ímpio está envaidecido; seus desejos não são bons; mas o justo viverá pela sua fidelidade.’” (Habacuque 2:4)

Este é o grande versículo que Paulo utilizou para apoiar sua tese sobre a justificação pela fé, tanto em Romanos quanto em Gálatas.

A fé é a resposta de um coração humilde à revelação de Deus. O oposto é o orgulho. O orgulhoso é guiado pela sua própria razão e dúvida da palavra de Deus. O humilde recebe a palavra de Deus com mansidão. Aquele cuja alma não é reta é orgulhoso, mas o justo viverá pela fé.

Qual é especificamente a visão que Deus revelou a Habacuque?

- Em meio ao injusto acúmulo de riquezas em nível pessoal, nacional e internacional (Habacuque 2.6-11);
- Em meio àqueles que conquistam e constroem cidades com sangue e iniquidade (2.12- 13);
- Em meio a uma sociedade erotizada na qual muitos se embriagam e drogam os mais vulneráveis para abusá-los sexualmente (2.15-16);
- Em meio a uma sociedade materialista repleta de sequestros, roubos e violência (2.17);
- Em meio a nações entregues à idolatria (2.18-19).

Deus dá ao profeta Habacuque uma visão gloriosa que, como uma pérola em meio a tanto lixo, resume a visão em um único verso:

*“E a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas enchem o mar.”
(Habacuque 2:14)*

Eu imagino Deus dizendo ao profeta: "Habacuque, vá até a praia e fique em frente ao mar. Olhe atentamente, você vê como essas águas cobrem o mar? Da mesma forma, A TERRA SERÁ PREENCHIDA COM O CONHECIMENTO DA MINHA GLÓRIA".

Habacuque, escreva a visão, registre-a em tábuas, para que aquele que a ler e acreditar receba tal inspiração e impulso que ele busque o cumprimento da missão de acordo com a visão que eu revelei a eles.

O capítulo 2 conclui com uma declaração tremenda:

*“Mas o Senhor está em seu santo templo; diante dele fique em silêncio toda a terra.”
(Habacuque 2:20)*

Por mais terrível que possa ser a situação em nossas nações, nunca percamos de vista o trono:

Deus está em seu santo templo!

Ele está assentado no trono! Jesus

Cristo é o Senhor!

Ele foi exaltado

"acima de todo principado, e autoridade, e poder, e domínio,

e acima de todo nome que se nomeia,

não somente neste século, mas também no vindouro..." (Efésios 1.21). Aleluia! Tudo

está sob o Seu controle!

Nos céus e na terra.

Em meio a todas as calamidades descritas no livro de Apocalipse (as sete trombetas, as sete pragas, as ações de Satanás, o falso profeta, o grande dragão vermelho), a visão predominante é a de que há alguém assentado no trono e Ele reina.

A grande mensagem do Apocalipse é que a vitória final pertence ao Cordeiro, que os reinos deste mundo pertencerão ao nosso Senhor e ao seu Cristo, e que Ele reinará para sempre.

A visão final é a de uma igreja, gloriosa, numerosa, triunfante e santa; vestida de linho fino, resplandecente e puro, preparada para receber seu Amado. Aleluia!

Abraão "fortaleceu-se na fé, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que Ele era poderoso para cumprir o que tinha prometido" (Romanos 4.20-21).

5.3A terceira decisão de Habacuque - Orar por avivamento

"Oração do profeta Habacuque. Uma confissão. Senhor, ouvi falar da tua fama; temo diante dos teus atos, Senhor. Realiza de novo, em nossa época, as mesmas obras, faze-as conhecidas em nosso tempo; em tua ira, lembra-te da misericórdia. (Habacuque 3:1-2)

Habacuque não apenas acreditou na visão de Deus, mas também orou por avivamento. Devemos transformar a visão em oração, em intercessão.

"Aviva a tua obra em nosso tempo" é o mesmo que dizer aviva a tua obra nestes tempos difíceis.

Mas devemos orar com fé, acreditando que receberemos o que estamos pedindo.

Vamos clamar a Deus por um avivamento em nossas nações. Um novo mover do Espírito que opera milagres e maravilhas e a conversão de milhões nos diferentes continentes do mundo.

5.4A quarta decisão de Habacuque – Alegrar-se em Deus, qualquer que seja a circunstância

"...Tranqüilo esperarei o dia da desgraça que virá sobre o povo que nos ataca. Mesmo não florescendo a figueira, não havendo uvas nas videiras; mesmo falhando a safra de azeitonas, não havendo produção de alimento nas lavouras, nem ovelhas no curral nem bois nos estábulos, ainda assim eu exultarei no Senhor e me alegrarei no Deus da minha salvação. O Senhor Soberano é a minha força; ele faz os meus pés como os do cervo; ele me habilita a andar em lugares altos." (Habacuque 3:16-19)

Alguns consideram isso como o louvor mais perfeito em toda a Bíblia.

Irmãos, mesmo que dias mais difíceis possam vir, precisamos tomar a mesma decisão que Habacuque. Digamos com o profeta: "Com tudo, eu me alegrarei no Senhor, exultarei no Deus da minha salvação".

A tarefa não é fácil. Os dias que virão não serão fáceis. Precisamos viver na alegria do Senhor todos os dias. Teremos uma melhor saúde física e mental se vivermos com alegria. Nossas esposas precisam de um marido alegre. Nossa família também. A igreja precisa de um pastor cheio de alegria. O mundo precisa de uma igreja cheia da alegria do Senhor. A alegria será um ímã que atrairá muitos para a igreja do Senhor. Amém.

Jorge Himitian

Jorge Himitian

Congregação ou comunidade?

INTRODUÇÃO

Hoje concluímos as atividades da Fraternidade Apostólica Internacional. Esta sociedade apostólica foi fundada há 23 anos na Itália. O nome deste movimento em inglês é Fraternidade Apostólica Internacional (AFI). A cada ano, escolhemos um país para realizar dois eventos: uma Consulta Apostólica e uma Conferência para Pastores.

Na quarta e quinta-feira, realizamos nossa Consulta Apostólica em um hotel em Vitória, graças aos esforços do nosso querido Vince, membro do Comitê Executivo da AFI.

Nosso querido Giovanni Traettino, que está conosco esta manhã, é o presidente da AFI.

O tema da Consulta, previamente definido, foi: IGREJA-COMUNIDADE.

Esta Consulta, da qual participaram apóstolos e pastores dos cinco continentes, foi muito impactante. Um dos principais pregadores foi o nosso querido irmão Carlos Mraida, com quem mantenho uma profunda amizade há mais de 30 anos. Ambos moramos em Buenos Aires.

A mensagem que ele compartilhou foi de alto nível teológico, bíblico e profético.

Nesta manhã, gostaria de refletir sobre o que Carlos compartilhou e destacar algumas verdades que me impactaram profundamente. Estou certo de que esta mensagem marca o nosso destino, o que devemos realizar aqui na Terra para que este mundo creia que Jesus é o Filho de Deus.

Não pretendo ser original nesta mensagem, mas sim destacar alguns pontos da pregação de Mraida e sugerir, com base em sua mensagem, algumas diretrizes para a ação pastoral.

INDIVIDUALISMO

Vivemos em uma sociedade cuja principal característica é o *individualismo*. Nas últimas duas décadas, caminhamos para um *hiperindividualismo*. E estamos rapidamente nos encaminhando para um *individualismo selvagem*, para usar os termos do nosso irmão Carlos.

O egoísmo inerente ao coração humano torna a convivência social extremamente difícil. Governos e nações não conseguem encontrar o caminho, a solução. O centro da vida de cada pessoa é o seu próprio eu. Dinheiro, prazer, casa, carro, negócios — toda atividade e esforço tem um único centro: o EU.

A população mundial está crescendo, e as grandes cidades são os locais onde as populações estão concentradas. Milhões vivem na mesma cidade. No entanto, os indivíduos estão se isolando cada vez mais uns dos outros. A solidão sofrida por milhões de pessoas, mesmo vivendo em cidades com milhões de habitantes, é muito triste.

Há um materialismo exacerbado na sociedade. Como diz a Bíblia, o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males. A ganância e a promiscuidade têm como único objetivo a satisfação pessoal, ignorando os outros. Brigas, violência e corrupção abundam. Os governos não conseguem encontrar uma maneira de acalmar as massas. A desigualdade entre ricos e pobres só aumenta. Os ricos ficam mais ricos e os pobres, mais pobres.

Esta não é a sociedade que Deus sonhou. O plano que Deus tinha para a humanidade antes da criação do mundo é diametralmente oposto ao que testemunhamos em nossa sociedade hoje. O projeto nascido no coração de Deus era que a sociedade humana fosse uma verdadeira família. Que nos amássemos uns aos outros, que houvesse unidade entre as pessoas, relações fraternas saudáveis. O plano de Deus era que todos fôssemos seus filhos e que, tendo Deus como nosso Pai, vivêssemos como irmãos e irmãs.

Mas, infelizmente, o pecado entrou, e com o pecado, a morte. Morte significa separação. A humanidade foi separada de Deus e separada do seu próximo. E assim nasceram o ódio, o crime, as guerras, o roubo, a ganância, o adultério e o divórcio. Todas essas são diferentes expressões do egoísmo no coração da humanidade caída.

Este mundo em trevas, este mundo em pecado, Deus amou. E Ele amou tanto isso que enviou Seu Filho para mudar nosso destino, para mudar nossos corações, para tirar o pecado de nós e para erradicar o egoísmo profundamente enraizado no coração humano.

O CHAMADO DE JESUS À CONVERSÃO RADICAL

O chamado de Jesus para todos é: *Sigam-me*.

Mateus 16:24:

“Então Jesus disse aos seus discípulos: ‘Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.’”

Este chamado de Jesus para negar a si mesmo implica o fim do egoísmo. Tomar a cruz e seguir Jesus significa ser como Ele, ou seja, estar disposto a morrer pelos outros.

Quando perguntaram a Jesus qual era o maior mandamento, Ele respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração”. Não lhe perguntaram qual era o segundo mandamento, mas Jesus imediatamente acrescentou: “E o segundo é semelhante a este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:34-40).

Este chamado de Jesus à conversão radical visa remover o egoísmo do coração humano para nos transformar, pelo poder do Espírito, em homens e mulheres como Jesus.

O propósito eterno do nosso Pai é ter uma família com muitos filhos como Jesus. Ele deseja que sejamos uma família, não apenas indivíduos perfeitos. Ser uma família é uma consequência de ser como Jesus. Na medida em que nos assemelhamos a Jesus, tornamo-nos uma verdadeira família, tornamo-nos uma comunidade da igreja.

O que é a igreja? Ao longo dos anos, aprendemos que a igreja não é o prédio onde nos reunimos; a igreja somos nós. E o que somos nós? Somos uma família; a família de Deus; filhos de Deus; filhos do mesmo Pai; portanto, somos irmãos e irmãs. Esta é a nossa identidade eterna: filhos de Deus e irmãos e irmãs uns dos outros.

O apóstolo Paulo oferece uma descrição muito precisa quando fala na primeira pessoa do plural em Romanos 14:7-8:

*“Pois nenhum de nós vive para si mesmo, nem morre para si mesmo. Se vivemos, vivemos para o Senhor; e, se morremos, morremos para o Senhor. Portanto, quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao **Senhor**.”*

Esta é a descrição de um verdadeiro cristão. Nenhum de nós vive para si mesmo.

- Qual é a característica de alguém que não está em Jesus? - Que vive para si mesmo.
- Qual é a característica, segundo Paulo, de alguém que nasceu de novo, que está em Cristo, que experimentou uma verdadeira conversão, que reconhece Jesus como Senhor? - Que não vive mais para si mesmo.

Aqueles que não estão em Cristo dizem: “Tudo o que tenho é meu, pertence a mim e é para mim. Minha vida, minhas riquezas, meu tempo, minhas habilidades — tudo é meu, por mim e para mim.”

Em contraste, Jesus diz: “Qualquer um de vocês que não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo” (Lucas 14:33). Todo esse evangelho nos transforma em discípulos. O que é um discípulo?

Um aluno. O objetivo de um aluno é aprender. O que ele deve aprender?

Ser como Jesus. Um discípulo quer ser como seu mestre.

Em 2 Coríntios 5:14-15 e 17, Paulo explica esse mesmo ponto com outras palavras:

“Pois o amor de Cristo nos constrange, porque estamos convencidos de que um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.”

“Pois o amor de Cristo nos constrange, porque estamos convencidos de que um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.” ...

Portanto, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo!

O amor de Cristo nos constrange. Que verbo! É muito antigo. O que significa constranger? Significa nos obrigar sem nos forçar. É uma obrigação moral, espiritual.

Quantos morreram? Todos eles. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou. Jesus morreu para que você não viva mais para si mesmo.

- Morremos para cinco coisas, e a última é a mais forte:
- Morremos para o pecado (Romanos 6:2).
- Morremos para o velho eu ou a carne (Romanos 6:6 e Gálatas 5:24).
- Morremos para a lei (Gálatas 2:19-20).
- Morremos para o mundo (Gálatas 6:14).
- Morremos para nós mesmos, para que não vivamos mais para nós mesmos, mas para aquele que morreu e ressuscitou por nós (2 Coríntios 5:14-15).

No versículo 17, Paulo diz:

“Portanto, se alguém está em Cristo, nova criatura é;

as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo!"

Antes da minha conversão, eu era muito briguento. Se havia uma briga na rua, um dos dois era Jorge Himitian. Eu era muito rebelde com meus pais, mentiroso, blasfemo, falava palavrões e era ladrão. Cristo mudou minha vida. Aleluia! Mas a mudança mais importante que ocorre em um convertido não é que ele deixe de cometer adultério, roubar ou falar palavrões, etc. A mudança mais importante é que ele não vive mais para si mesmo, mas para Cristo. Conheço muitos "convertidos" ou "semiconvertidos" que abandonaram os pecados morais e visíveis, mas, no centro de suas vidas, ainda são eles mesmos. Tudo o que têm ainda é deles. Todo esforço é para si mesmos. Mas a palavra de Deus nos ensina exatamente o oposto: que "...**dele, por meio dele e para ele são todas as coisas**". (Romanos 11:36).

Se a conversão não abordar o cerne da questão, não é uma conversão completa. O cerne é a minha morte. É negar a mim mesmo, tomar a minha cruz e seguir a Jesus. **É perder a minha vida para ganhá-la.**

INCORPORAR A PALAVRA

Jesus disse aos seus discípulos: "*Vocês são o sal da terra... vocês são a luz do mundo*". Caros irmãos e irmãs, só nos tornamos sal e luz se vivermos de acordo com o Sermão da Montanha. Esse é o catecismo fundamental, a *didaké* do Reino. Na medida em que praticamos o que o Sermão da Montanha ensina, nos tornamos a luz do mundo. Mas se o individualismo que prevalece na sociedade persistir também na Igreja, o sal perde o seu sabor e não serve para nada além de ser desprezado pelos homens.

Alexia Salvatierra (Reitora Acadêmica do Centro Latino e Professora Associada de Missão e Transformação Mundial no Seminário Teológico Fuller), em seu artigo "*O Evangelho Pleno e a Organização Comunitária*", publicado pelo Movimento de Lausanne, escreve: "Quando minha filha estava no ensino médio, ela trouxe para casa uma amiga que havia crescido em um lar sem qualquer afiliação ou formação religiosa. A garota me disse: 'Tenho algum interesse em Jesus, mas só se ele realmente fizer a diferença no mundo.' Ela tinha o desejo de conhecer Jesus, caso esse conhecimento tivesse algum significado em tornar o mundo um lugar melhor."

É nessa situação que muitos jovens ao redor do mundo se encontram. Políticos e líderes já esgotaram suas diversas teorias para mudar o mundo. Todas essas teorias falharam. Nem a direita nem a esquerda...

Jesus continua nos dizendo: "*Vocês são a luz do mundo.*" Temos a solução: o evangelho pode mudar o mundo, mas primeiro ele precisa ser vivenciado na igreja. O Verbo se fez carne. Se tivermos teorias sólidas, conceitos sólidos sobre o reino, uma teologia completamente bíblica, mas

ela permanecer abstrata e meramente teórica, não teremos solução para oferecer ao mundo. Precisamos encarnar a Palavra.

Se o individualismo, o egoísmo, a ganância e a luxúria que prevalecem no mundo forem perpetuados na igreja, não haverá esperança para a humanidade.

O EXEMPLO DE UMA COMUNIDADE IGREJA

Vamos agora para Atos, capítulo 2. Vejamos o que o evangelho encarnado produz na sociedade.

Atos 2:42

“Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações.”

Confesso que, por muito tempo, interpretei esse texto como significando que “perseverar na doutrina” significava seguir a sequência das lições 1, 2, 3 e assim por diante, até completá-las todas. É bom que façamos isso. Mas, ouvindo Carlos esta semana, entendi que “perseverar na doutrina” significa, na verdade, praticar a doutrina que está sendo ensinada. Não foi isso que Jesus indicou quando disse: “ensinando-os a guardar todas as coisas que eu lhes ordenei”? (Mateus 28:20).

Então, vamos observar o que aconteceu naquela igreja como consequência de encarnar a palavra.

Atos 2:44-47:

“Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e bens para repartir com todos, conforme a necessidade de cada um. Diariamente, continuavam a reunir-se no templo. Partiam o pão em suas casas e juntos participavam das refeições com alegria e sinceridade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo. E o Senhor lhes acrescentava diariamente os que iam sendo salvos.”

ISTO NÃO É UMA SIMPLES CONGREGAÇÃO, É UMA VERDADEIRA COMUNIDADE, UMA FAMÍLIA.

É o resultado da pregação do Evangelho em sua plenitude, de uma conversão radical e da perseverança na doutrina. O amor de Deus ocupou o centro de seus corações, e isso pôs fim ao individualismo e transformou esses três mil indivíduos em uma verdadeira comunidade.

Que desafio temos! Ser Igreja, ser família. E não simplesmente uma congregação. Muitas vezes somos “irmãos na missa, mas não à mesa”. Aqui, eles eram irmãos na missa e à mesa. Visitavam-se uns aos outros, comiam juntos nas casas uns dos outros. Eram uma verdadeira família. Os pobres não choravam mais. Nenhuma criança ia dormir com fome. Aqueles que viviam isolados ou sozinhos agora tinham uma família.

Queridos irmãos e irmãs, a Igreja que vive o Reino é a resposta de Deus para esta sociedade doente de individualismo.

Nosso objetivo é ser como Jesus. Mas como Jesus era? Ele era o Filho unigênito de Deus, herdeiro de tudo, tanto material quanto imaterial. Será que Jesus disse ao Pai: “Bem, Pai, vou morrer pelos pecados do mundo. Eles se arrependem, seus pecados serão perdoados, mas lembre-se de que eu sou o Filho único; isso é inegociável. Tudo bem salvá-los do inferno, recebê-los no céu, mas eu sou e sempre serei o seu Filho único e o herdeiro de tudo”? Foi isso que Jesus disse? Muito pelo contrário.

Jesus nos tornou filhos do Pai, dando-nos o mesmo status que Ele tinha. Ele nos tornou herdeiros de Deus e coerdeiros com Ele de tudo. Ele nos tornou irmãos e irmãs na Missa e à mesa. Nosso objetivo é ser como Ele.

NOSSA IDENTIDADE

Nossa identidade vem do Pai. Nossa identidade presente vem da eternidade passada. Daquilo que o Pai sonhou, desejou e planejou em Si mesmo antes da criação do mundo.

Nós, que não somos filhos de Deus por natureza, mas criaturas de Deus, fomos formados do pó da terra. O único Filho de Deus por natureza é Jesus. É por isso que Ele é chamado de Unigênito. Ele tem a própria natureza de Deus. Nós, tendo sido tirados do pó da terra, fomos escolhidos pelo Pai de Jesus antes da fundação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis. Em amor, Ele nos predestinou para nos adotar como Seus filhos por meio de Jesus Cristo.

Nossa identidade presente vem da eternidade passada. Somos filhos adotivos de Deus. Mas para que essa adoção não fosse mera formalidade, Deus enviou o Espírito de Seu Filho aos nossos corações, por meio de quem clamamos: “Aba, Pai”. Podemos chamá-Lo de “Pai” com o mesmo Espírito que Jesus. Somos filhos adotivos, mas porque Seu Espírito está em nós, nos tornamos participantes da natureza divina.

Nossa identidade presente provém da eternidade futura. O que seremos na eternidade? – A família de Deus; filhos de Deus, irmãos e irmãs uns dos outros. No céu, não seremos pastores nem apóstolos. O título mais honroso que podemos ter é o de filho de Deus.

O que seremos na eternidade futura? Haverá fome? Haverá pobreza? Haverá pecado? Haverá lágrimas? Haverá pentecostais, batistas, membros das Assembleias de Deus ou membros da Comunidade? Não, essa é a nossa identidade presente.

John Wesley teve um sonho. Ele recebeu uma visão do inferno e depois do céu. Um anjo o conduziu aos portões do inferno. Ao ver a cena dantesca do inferno, ele ficou horrorizado e perguntou:

“Há católicos aqui?” “Sim, muitos”, respondeu o anjo.

“E há anglicanos?”

“Sim, muitos”, disse ele.

“E há batistas?”

“Sim, muitos.”

Como ele era o fundador do Metodismo, perguntou com temor: “Há algum metodista aqui?” “Sim, há metodistas”, respondeu o anjo.

Então o anjo o levou aos portões do céu. E ele perguntou:

“Há algum católico aqui?”

“Não, nenhum.”

“E algum anglicano?”

“Não.”

E, com temor, perguntou: “Então, todos são metodistas?”

“Não, não há metodistas aqui.”

“E quem são estes?”

A resposta foi: “São aqueles que foram lavados no sangue do Cordeiro.”

Vou contar-lhes sobre outro sonho. Não me lembro se foi John Wesley quem o teve, ou outra pessoa daquela época. Acontece que o anjo também o levou aos portões do inferno, e lá ele viu

uma mesa muito comprida com milhões e milhões de pessoas sentadas em ambos os lados. Todas estavam fracas, magras, emaciadas, esqueléticas, tristes e famintas. Havia muita comida na mesa, todos os tipos de comida, mas elas estavam desmaiando de fome. "O que há de errado?", perguntou ele. E o anjo lhe disse: "Observe com atenção". E ele viu que todos ali tinham os cotovelos rígidos e os braços esticados, incapazes de dobrá-los. Por isso não conseguiam levar a comida à boca.

Então o anjo o levou aos portões do céu. E lá ele viu novamente uma longa mesa repleta de comida deliciosa. Todos pareciam saudáveis e felizes, como se estivessem em uma festa de verdade. "Ah, já sei", pensou o homem, "essas pessoas não devem ter os cotovelos rígidos, por isso conseguem comer bem". Mas o anjo lhe disse: "Não, não, observe com atenção". Todos estavam com os cotovelos rígidos. Então, o que era aquilo? Quando começaram a comer, ele observou, admirado, que cada um pegava a comida da mesa e a levava à boca do irmão ou irmã à sua frente. Que maravilha! Essa é a Igreja. E é assim que a Igreja no mundo deveria ser. Chega de pobreza, chega de sofrimento; as lágrimas são enxugadas, os aflitos são consolados. O Reino de Deus chegou à Terra!

A esperança das nações é Cristo em nós. Ele em nós é a esperança da glória. Se o individualismo e o materialismo que existem no mundo persistem na Igreja, é porque estamos pregando uma conversão incompleta e não estamos perseverando na didache, no ensinamento do Senhor. Nosso verdadeiro desafio é sermos uma verdadeira família, uma verdadeira comunidade.

CONCLUSÃO

Vou ler a última passagem, Isaías 2:2-3.

"Nos últimos dias, o monte do templo do Senhor será estabelecido como o mais alto dos montes; será exaltado acima das colinas, e todas as nações afluirão a ele. Muitos povos virão e dirão: 'Venham, subamos ao monte do Senhor, ao templo do Deus de Jacó. Ele nos ensinará os seus caminhos, para que andemos nas suas veredas.' A lei sairá de Sião, e a palavra do Senhor, de Jerusalém."

Isso é maravilhoso! Há esperança para as nações!

Gosto muito da primeira palavra deste versículo: "Acontecerá". Isso nos assegura que o que a Palavra diz se cumprirá. Aleluia!

Pergunto: o que é o templo do *Senhor*? — A igreja.

Uma igreja que persevera nos ensinamentos do Senhor será levantada no meio das nações. As nações esgotarão todos os seus recursos, suas teorias, suas ideologias, suas economias, e nada dará certo. Finalmente, as nações, cansadas de seus repetidos fracassos, vendo a igreja como uma

comunidade alternativa, vendo a igreja como uma verdadeira família, virão e dirão: “Venham, vamos subir à igreja, e ela nos ensinará o seu segredo, e andaremos nos seus caminhos”.

Você acredita nisso? Eu também acredito. E se você acredita, pode proclamar comigo: Acontecerá! Se cumprirá! Declare isso. Que o próprio Satanás ouça.

CONCLUSÃO PARA PASTORES

Caros colegas pastores, precisamos traçar novos rumos para nossa atuação pastoral. O que temos agora não é suficiente. Primeiramente, nós, pastores, precisamos nos tornar exemplos do que desejamos ver em nossos discípulos.

Bem-aventurados todos aqueles que fielmente dão seus dízimos ao Senhor. Mas o dízimo por si só não basta. O dízimo é o mínimo necessário. Precisamos desenvolver uma abordagem pastoral mais próxima da realidade da comunidade. Precisamos visitar os lares de nossos irmãos e irmãs. Precisamos compreender sua situação geral — não apenas sua condição espiritual, mas também sua família, trabalho e situação financeira. Quantos filhos eles têm? Suas casas são muito pequenas ou muito pobres? Precisamos realizar um levantamento com todas as famílias da congregação. Os pastores sozinhos não podem fazer isso. Precisaremos da ajuda de diáconos, colaboradores e outros servos.

Precisamos de uma nova visão para o trabalho pastoral. Nosso objetivo é nos tornarmos uma verdadeira família, onde ninguém fique desamparado.

Nossos próximos passos:

- Pregar o evangelho do Reino.
- Guiar aqueles que evangelizamos à conversão completa.
- O batismo deve significar morrer para o Senhor e ressuscitar, para que não vivamos mais para nós mesmos, mas para o Senhor e para nossos irmãos e irmãs.
- Devemos praticar a doutrina no poder do Espírito Santo; caso contrário, é impossível.
- "Todos juntos e de casa em casa." Os pequenos grupos são essenciais e, por meio deles, podemos compreender a situação de cada pessoa.
- Precisamos ter uma compreensão abrangente do rebanho. Criar atividades que nos ajudem a nos tornar uma família. Desenvolver programas para ampliar os lares de nossos irmãos e irmãs pobres, especialmente aqueles com muitos filhos.

Precisamos de um plano abrangente. Devemos avançar lentamente, mas com um plano de longo prazo.

Precisamos desenvolver planos habitacionais para algumas famílias ou planos para ampliar os lares existentes. Não nós, pastores, mas sim aqueles irmãos e irmãs capazes de fazê-lo. Precisamos convocar outros empreendedores, profissionais com capacidade para empreender, planejar e arrecadar fundos.

Devemos promover o desenvolvimento humano em todos os níveis. Ensinar profissões, ensinar administração. Ajudar a iniciar pequenos negócios. Criar um fundo de empréstimos inteligente. Oferecer aconselhamento e treinamento. Caso contrário, alguns de nossos irmãos e irmãs serão condenados a permanecer na pobreza e a viver de esmolas da igreja. Eles precisam de ajuda para escapar da pobreza e recuperar sua dignidade como seres humanos. Devem aprender uma boa profissão e ter um emprego para sustentar suas famílias com dignidade. Devemos oferecer aconselhamento e treinamento.

A maioria das pessoas na sociedade não entende nossos cultos. Nossos cultos são maravilhosos, mas elas não os entendem. Também não entendem nossos sermões. Mas há uma coisa que a sociedade entende muito bem: nossas boas obras.

Jesus disse: "Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem o Pai de vocês, que está nos céus" (Mateus 5:16).

Então eles compreenderão nossos cultos e se tornarão adoradores. Mais tarde, entenderão que Jesus morreu pelos nossos pecados. Mas essa não é a porta de entrada. Trata-se de boas obras, ajuda humanitária e de garantir que não haja pobres entre nós.

Os vizinhos e parentes daqueles que a igreja ajuda dirão: "Estes são verdadeiros cristãos". Muitas pessoas têm a ideia de que a igreja é um lugar onde o pastor vive na opulência, extorque dízimos e ofertas das pessoas, e isso as escandaliza e ofende. Mas se o mundo vir que a igreja abençoa, ajuda, favorece e dá às pessoas — se as pessoas virem que a igreja não é para receber, mas para dar — então o mundo crerá.

Carlos Mraida soou a trombeta. Ele proferiu uma palavra profética. Ele apontou a direção que devemos tomar. E se conseguirmos incorporar essa palavra, haverá esperança para as nações.

Jorge Himistian